

Um dos elementos que marcam fortemente o cotidiano é o modo como ligamos os fins pensados conceitualmente e as ações que praticamos. Podemos ver que os primeiros subjagam nossas decisões de tal modo, que os valores neles contidos nos fazem gastar a quase totalidade do tempo de que dispomos com o preenchimento das expectativas colocadas previamente às nossas ações por esses mesmos conceitos, que assimilamos no meio coletivo, com maior ou menor elaboração em termos individuais. Mesmo no caso de esses valores conterem um grau de personificação, de individualidade, bastante elevado, o que se nota é uma espécie de *curto-circuito* entre aquilo que consideramos bom, elevado, rentável, digno, etc., e o esforço concreto nas nossas tomadas de decisão. É como se não existisse “espaço” entre o que pensamos e o que fazemos, ou seja, as idéias parecem conter uma força irresistível em relação à nossa dimensão concreta, dos desejos, dos atos e até mesmo de todas as percepções das coisas em geral. Mas a pergunta é: o que poderia haver de intermediário entre esses dois pólos?

Para responder a esta pergunta, podemos aproveitar uma idéia do filósofo alemão Immanuel Kant que consiste em tomar o nosso contato com a realidade a partir de três elementos que podem ser distinguidos de modo razoavelmente claro: o primeiro seria o do âmbito concreto, correspondente às nossas sensações, ao que vemos, ouvimos, etc., e também às nossas ações efetivamente realizadas; o segundo consistiria em nossa dimensão intelectual e racional, incluindo aí todos os nossos conceitos, princípios morais, idéias, etc.; mas haveria, ainda, um terceiro âmbito, intermediário, vinculado propriamente ao exercício da *imaginação*. No aspecto do conhecimento, por exemplo, essa faculdade, cujo nome indica a possibilidade de formar imagens, atua na medida em que somos capazes de formar para nós unidades figurativas das coisas, percebê-las como inteiras. Entre o aspecto concreto da *luz* que nossos olhos captam de uma árvore, por exemplo, e aquilo que pensamos no *conceito* desse objeto, existe a *figura* da árvore, que consiste precisamente no fato de que damos uma determinada forma para isso que nossos olhos são capazes de absorver. Esse trabalho da imaginação pode ter diversos graus de liberdade, na medida em que não nos vemos obrigados a ver nas coisas aquilo que já estamos habituados, ou quando, por um motivo ou outro, nós mesmos nos propomos a jogar com nossa capacidade imaginativa no próprio ato de contemplar as coisas. Um exemplo disso é ficar olhando para as nuvens e tentar ver nelas figuras de animais, de pessoas, ou de outros seres. Nesse momento, nossa imaginação opera ao “produzirmos” uma determinada unidade daquilo que olhamos de tal modo a atribuir para nossas sensações um significado que elas em princípio parecem não ter.

A imaginação, entretanto, opera também no âmbito prático, das ações. De modo análogo ao aspecto do conhecimento, entre a ação concreta que

¹ Publicado no jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 19/04/2003, Caderno Pensar, página 6.

consideramos virtuosa, e nossa idéia, nossa concepção do que seja a virtude em geral, existe um âmbito imaginário que é constituído precisamente pelos exemplos de pessoas que se mostram como que corporificando de modo ideal nossas idéias de virtude. É evidente que não existe, por exemplo, “A coragem” no mundo, mas tão-somente ações que podemos considerar corajosas. Trata-se de uma idéia, apenas pensada em termos abstratos, cuja efetivação muitas vezes nos parece problemática, difícil, principalmente para as crianças, que ainda estão formando o próprio conceito do que seja a coragem em particular ou outra virtude qualquer, como a lealdade, o companheirismo, etc. É nesse momento que entra o que podemos tomar como sendo nossos *modelos* de ação. O valor deles não está em serem repetidos simplesmente, pois as situações concretas variam infinitamente, mas sim assimilados como esse meio-termo imaginário, idealizado, entre as ações concretas e a idéia abstrata.

Sintetizando as idéias levantadas até agora, podemos dizer que a vida cotidiana é marcada pela ausência de liberdade para a imaginação, tanto ao percebermos as coisas, quanto nos decidirmos a agir. No âmbito perceptivo, o fato de que nós sabemos o que algo é, como uma mesa, um computador, um edifício, etc., faz com que tenhamos sempre uma expectativa fortemente amarrada por essas idéias. Por outro lado, os costumes, as idéias morais, as leis e todos os outros princípios de ação parecem colocar nossas decisões entre as categorias do certo e do errado, que podem tender ao maniqueísmo de pensar que o mundo é regido pela separação entre um bem absoluto e um mal absoluto.

Nesse ponto, a questão que se pode colocar é: haveria um tipo de experiência em que a liberdade da imaginação fosse bastante expressiva?

Novamente de acordo com Kant, na experiência da *beleza*, ao contemplarmos objetos belos, nossa imaginação sente-se livre ao produzir a unidade das formas dos objetos que vemos ou ouvimos. Nesse momento, nossa capacidade imaginativa parece extrapolar o que os conceitos e as idéias possuem para explicar a vivacidade dessas formas. Haveria como que um *jogo livre* entre nossa imaginação e nosso intelecto, o que resulta em um sentimento de prazer todo especial, pois ele não é igual à sensação de agrado que temos, por exemplo, ao comer uma fruta. Este último diz respeito diretamente aos nossos sentidos, é algo imediato, ao passo que o prazer da beleza é resultante de um estado mental por assim dizer mais elevado, na medida em que nossas faculdades racionais são instigadas nesse processo.

Em outras palavras, é como se tentássemos entender intelectualmente aquilo que nossa imaginação nos proporciona, sem, entretanto, conseguirmos. A beleza consistiria precisamente no prazer de sentirmos que as formas que nos rodeiam possuem dimensões *enigmáticas*, que parecem nos sugerir significados bastante ricos, sem que possamos, ao mesmo tempo, delinear através de conceitos, palavras, ou qualquer noção abstrata específica, tudo aquilo que elas aparecem nos dizer. Assim, a nossa imaginação, em vez de estar a serviço do nosso desejo de entender o que o mundo é, produzindo figuras que se conformam àquilo que nossos conceitos esperam, ela é tomada como que de um ímpeto produtivo transbordante, fazendo com que nossa capacidade intelectual, de raciocínio, se mostre muito fraca perante ela. Esse tipo de experiência, em que

percebemos, sentimos, esse estado mental foi chamado de *estético* (termo que deriva da palavra grega “aisthesis”, que significa percepção sensível). Desse modo, somente a experiência estética é aquela em que há espaço para a liberdade da imaginação.

Diante disso, a questão que se coloca agora é outra: será que temos acesso a uma experiência da beleza em sentido pleno no nosso dia-a-dia?

Tomemos dois tipos de objetos belos: os da natureza, como as paisagens rurais, as estrelas, as nuvens, e os artificiais, tudo aquilo feito e produzido pelo ser humano, como os utensílios que temos em nossas casas, automóveis, edifícios e outros. Em relação à beleza natural, podemos dizer que a vida apressada do cotidiano reserva muito pouco tempo para nos dedicarmos a ela, e mesmo quando o fazemos é de um modo bastante dirigido, através de cartões-postais de regiões que são consideradas tipicamente belas, tomadas como atrações turísticas, como a Foz do Iguaçu, as praias, os Alpes suíços, etc. No caso dos objetos que são fabricados o problema é bem maior, pois todas as mercadorias são sempre padronizadas, pensadas a partir de modelos que “deram certo”, tornaram-se sucesso. Os móveis que usamos para decorar nossos apartamentos são, via de regra, projetados com base em modelos que aparecem em revistas e nos ambientes e cenários de novelas televisivas; muito da produção de roupas é idealizado a partir dos padrões estabelecidos pela moda, que torna homogêneos nossos modos de vestir; as músicas que ouvimos nos meios de comunicação têm sempre um ar de família, que faz com que possamos identificar o estilo e a época a que pertencem. Em todos esses casos vemos claramente que existe uma preponderância bastante grande de modelos, paradigmas, que *limitam* aquela liberdade imaginativa tal como concebida por Kant na experiência da beleza.

Mas será, então, que inexiste um momento em que pudéssemos perceber plenamente aquela liberdade da imaginação?

Tomando outro filósofo como ponto de apoio, Theodor Adorno, podemos dizer que somente a *arte moderna* pode nos fornecer esse tipo de experiência de que estamos falando. Embora esse assunto seja bastante complexo, podemos dizer, em linhas gerais, que a arte contemporânea nos proporciona uma experiência radicalmente enigmática, que desafia a nossa imaginação e nosso intelecto. Para termos uma ligeira idéia de como isso ocorre basta ouvirmos os comentários que se fazem sobre uma exposição de arte moderna: “mas o que isso significa?”, “eu não entendo por que isso é arte”, e outros, que mostram claramente que o *sentido* de tais obras parece extrapolar em muito nossas expectativas cotidianas. Para que possamos sentir prazer com essas produções, é necessário que nos habituemos a olhá-las e a ouvi-las; é preciso freqüentar esse universo de tal modo que comecemos aos poucos a deslindar o enigma colocado diante de nós. Somente assim, diria Adorno, nessa experiência estética digna do nome, nossa liberdade imaginativa alcança uma intensidade tal que escapamos da vida padronizada do cotidiano.